

Número 8 - Julio / Diciembre 2019

**REVISTA**  
**DIÁLOGOS EN MERCOSUR**

ISSN 0719-7705

**DIÁLOGOS EN MERCOSUR**  
**¡AMÉRICA LATINA Y MÁS!**



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### CUERPO DIRECTIVO

#### Director

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

#### Sub Director

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

#### Editores

**Isabela Frade**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

### COMITÉ EDITORIAL

**Andrés Lora Bombino**

*Universidad Central Marta Abreu, Cuba*

**Claudia Lorena Fonseca**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

**Fernando Campos**

*Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal*

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

### COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

**Ana Mirka Seitz**

*Universidad del Salvador, Argentina*

**Eduardo Devés**

*Universidad de Santiago / Instituto de Estudios Avanzados, Chile*

**Eduardo Forero**

*Universidad del Magdalena, Colombia*

**Graciela Romero Silveira**

*Universidad de la República, Uruguay*

**Heloísa Buarque de Hollanda**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Ángel Nava**

*Universidad de Zulia, Venezuela*

**Juan Bello Domínguez**

*Universidad Nacional Autónoma de México, México*

**María Alicia Baca Macazana**

*Organización de Comunidades Aymaras, Quechuas y Amazónicas del Perú, Perú*

**María Teresa Ferrer Madrazo**

*Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba*

### Cuerpo Asistente

#### Documentación

**Lic. Carolina Cabezas Cáceres**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

**Traductora: Inglés**

**Lic. Pauline Corthon Escudero**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Portugués**

**Lic. Elaine Cristina Pereira Menegón**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

#### Portada

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### Indización

Revista Diálogos en Mercosur, se encuentra indizada en:





CUADERNOS DE SOFÍA  
EDITORIAL

ISSN 0719-7705 – Publicación Semestral / Número 8 / Julio – Diciembre 2019 pp. 01-28

**ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL:  
EXPERIÊNCIAS DA AMÉRICA LATINA ENTRE INTERCOMUNICAÇÕES**

**ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL:  
LATIN AMERICAN EXPERIENCES BETWEEN INTERCOMMUNICATIONS**

**Dra. Isabel Noemi Campos Reis**

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil  
isabelcamposreis@gmail.com

**Fecha de Recepción:** 20 de mayo de 2019 – **Fecha Revisión:** 25 de mayo de 2019

**Fecha de Aceptación:** 15 de junio de 2019 – **Fecha de Publicación:** 01 de julio de 2019

**Resumo**

O artigo enfoca a escola de arte para crianças – Escolinha de Arte do Brasil (EAB) – dentro do recorte temporal das décadas de 1940 e 1980, período no qual o artista brasileiro Augusto Rodrigues, seu fundador, e a arte educadora Noemia Varella mantiveram-se ligados ativamente àquela experiência. Na perspectiva de que a EAB é a referência fundante do Movimento Escolinhas de Arte (MEA) e que este Movimento foi responsável – entre as décadas de 1940 e 1970 – pela fundação de 144 Escolinhas de Arte em diversos estados do Brasil e em dois outros países da América Latina – Paraguai e Argentina –, este artigo aponta para a necessidade de se montar um referencial histórico através do qual seja possível refletir a respeito da relevância da EAB e do MEA na formação de profissionais da Educação Através da Arte, no recorte temporal indicado. Sustentado na hipótese de que a criação da EAB representou a materialização de um projeto de arte revolucionário, gerador de uma obra coletiva com forte dimensão política, o artigo aqui apresentado destaca e problematiza a significância do MEA e da EAB na América Latina, e em especial, no Brasil. O texto busca dar foco à EAB na perspectiva de que, por ter sido criada em 1948 enquanto um reflexo do pós-guerra, a EAB singularizou-se como um laboratório de dimensão política alicerçado na experimentação, na liberdade criadora, na criticidade, no estudo – informal e científico –, no diálogo e compreendeu tais instâncias como sendo inerentes à renovação da Educação Infantil.

**Palavras-Chave**

Escolinha de Arte do Brasil – Arte-Educação – Educação Criadora – América Latina

**Abstract**

The article reflects on the children art school – Escolinha de Arte do Brasil (EAB) – within the context of the 1940s and 1980s, a period during which his founder, the Brazilian artist Augusto Rodrigues and the art educator Noemia Varella remained actively engaged with this experience. Based on the perspective that the EAB is the founding reference point of the Movimento Escolinhas de Arte (MEA) and that this movement was responsible – between the 1940s and

1970s – for the founding of 144 Escolinhas de Arte in different Brazilian states and in two other Latin American countries – Paraguay and Argentina –, this article highlights the need to assemble historic references through which we can reflect on the importance of the EAB and the MEA in the training of the professionals of Education Through Art, during the cited period. Based on the hypothesis that the creation of the EAB represented the embodiment of a revolutionary art project, which produced collective work with a strong political dimension, the article hereby presented highlights and problematizes the significance of the MEA and EAB in Latin America, and especially in Brazil. The text seeks to focus on the EAB from the perspective that, having being created in 1948 as a response to the post-war period, the EAB distinguished itself as a laboratory with a political dimension grounded in experimentation, creative freedom, criticality, study – informal and scientific – and dialog, and understood these aspects as being inherent to the renovation of the children education.

### **Keywords**

*Escolinha de Arte do Brasil – Art Education – Creative Education – Latin America*

### **Para citar este artículo:**

Reis, Isabel Noemi Campos. Escolinha de Arte do Brasil: experiências da América Latina entre intercomunicações. Revista Diálogos en Mercosur num 8 (2019): 01-28.

## Contextualizações históricas para uma introdução

O artigo aqui apresentado está vinculado à pesquisa de estágio pós-doutoral “Escolinha de Arte do Brasil - obra moderna em revisão histórico-conceitual” realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)<sup>1</sup>.

Sustentado na hipótese de que a criação da Escolinha de Arte do Brasil (EAB) representou a materialização de um projeto de arte revolucionário, gerador de uma obra coletiva com forte dimensão política, este artigo visa destacar e problematizar a significância do Movimento Escolinhas de Arte (MEA) e da EAB na América Latina, e em especial, no Brasil.

Considerar que a EAB não somente faz parte da trajetória da arte-educação no Brasil, mas significa também uma referência matriz da arte-educação em nosso país, é uma questão que requer a retomada da história da criação da EAB com atenção às suas reverberações. Faz-se, então, pertinente destacar que as propostas e experiências da EAB em torno da Educação Através da Arte e da Educação Criadora foram práticas capazes de alcançar diversos estados do Brasil, bem como alguns outros países da América Latina, da América do Norte, da Europa e da Ásia.

Portanto, é crucial tráfegar pelo MEA, compreendendo este Movimento como uma ação intercomunicante, geradora de reverberações através das quais foram criadas 145 Escolinhas de Arte em diversas localidades do Brasil e no exterior, entre os anos 1948 – 1978. Dentre as três Escolinhas de Arte situadas em outros países da América Latina, estão a *Escolinha de Arte del Paraguay*, criada em Assuncion no ano 1959; a Escolinha de Arte de Buenos Aires, fundada em 1960 e a Escolinha de Arte de Rosário, aberta também na Argentina (sem registro de data de fundação), além da Escolinha de Arte de Portugal (1965), localizada para além da América Latina.<sup>2</sup>

Contudo, ainda que a criação da EAB expresse a forte capacidade irradiadora do MEA no âmbito da América Latina, aqui representada especialmente pelo Brasil devido à expansão do Movimento neste país, a fundação da EAB está também entrelaçada à troca de experiências e diálogos realizados com países diretamente afetados ou vinculados com a Segunda Guerra Mundial, dentre os quais, a Inglaterra.

A EAB nasceu em 1948 – durante o pós-guerra – como uma ação informal de educação através da arte que se realizou em consonância com a necessidade de que as nações afetadas pela Segunda Guerra se reestruturassem por meio de perspectivas asseguradoras dos princípios fulcrais da democracia.<sup>3</sup> No entanto, vale lembrar que após a primeira fase da Era Vargas (1930 - 1945) o Brasil sofria com o fato de o direito da liberdade de expressão ter sido esfacelado, abalando drasticamente o país e os cidadãos tanto culturalmente, quanto artística e politicamente. No ensejo de que fossem construídas políticas e ações que viessem a ajudar no reestabelecimento da paz mundial

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada através do PPGARTES da UERJ, no Instituto de Artes da UERJ / Departamento de Ensino de Artes e Cultura Popular - DEACP e integrada à Linha de Pesquisa “Arte, Pensamento e Performatividade”, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabela Nascimento Frade.

<sup>2</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil - análise de uma experiência no processo educacional brasileiro (Brasília: INEP, 1978).

<sup>3</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil (Brasília: INEP, 1980).



através da mediação de conflitos gerados pelo pós-guerra, em 1945 foi criada a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO).<sup>4</sup>

Entre 19 de novembro e 10 de dezembro de 1946 foi realizada em Paris a primeira Conferência Geral da UNESCO.<sup>5</sup> Segundo o inglês David Thistlewood, o crítico de arte e filósofo britânico Herbert Read foi favorável às orientações expressas durante aquela Conferência da UNESCO, acolhendo as observações no ensejo de que seria necessário promover uma educação capaz de gerar a compreensão mútua entre as nações ligadas à UNESCO.

Contudo, para Read era emergente realizar uma revolução moral que, através da educação, reorientasse o ser humano numa perspectiva integradora, e a seu ver, a arte era o meio mais eficaz para se realizar intercâmbios capazes de alargar a compreensão cultural em dimensões internacionais, uma vez que a linguagem simbólica – fortemente característica da arte – é capaz de ultrapassar as barreiras sociais, sejam elas territoriais, linguísticas, comerciais, políticas etc., estabelecendo comunicações as mais diversas. Portanto, nas afirmações de Herbert Read, era nítida a percepção de que a educação artística representava um forte veículo para se pensar e realizar ações reconstrutoras de laços afetivos, culturais, sociais e políticos em prol da paz mundial e em respeito às identidades que singularizam povos e nações.<sup>6</sup>

Alguns anos antes da criação da UNESCO, o Conselho Britânico realizou no Rio de Janeiro uma inquietante exposição que apresentava desenhos feitos por crianças inglesas, representantes de escolas de Londres, *Southampton, Leicester, Brighton, East End, Eton*, dentre outras localidades. O texto introdutório do Catálogo da Exposição de Desenhos Escolares da Grã-Bretanha fora assinado por Herbert Read. As mais de 200 produções criadas por crianças estudantes de escolas da Inglaterra e expostas em 1941 no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA) apresentavam uma expressividade e qualidade estética tão acentuadas que chamaram a atenção do artista e educador pernambucano – Augusto Rodrigues –, bem como de outros artistas, jornalistas, professores e críticos de arte.<sup>7</sup>

### **Uma experiência em aberto - a EAB no cenário do Rio de Janeiro: um projeto inusitado**

Sete anos após a realização daquela exposição que no MNBA revelou a alta qualidade expressiva de produções artísticas feitas por crianças frequentadoras de escolas formais inglesas, o artista pernambucano Augusto Rodrigues abriu, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a EAB.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em 11 nov de 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/unesco-com-brasil-outros-19-paises-inicia-suas-atividades-no-mundo-em-1946-20396512>>. Acesso em 11 nov de 2018.

<sup>6</sup> David Thistlewood, *Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée* (Vol: XXIV, N 1-2. Paris: UNESCO, Bureau international d'éducation, 1994). Disponível em <<http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/readf.pdf>>. Acesso em 05 set de 2019.

<sup>7</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), *Escolinha de Arte do Brasil...*

<sup>8</sup> Para fundar a EAB, Augusto Rodrigues contou especialmente com as parcerias da artista americana Margaret Spencer e de Lucia Alencastro (artista e educadora, posteriormente casada com o artista Rubem Valentim e conhecida como Lucia Valentim). In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), *Escolinha de Arte do Brasil...*

A escolinha não nasceu planejada no papel, não teve fundação festiva, com solenidade e discursos, não teve anúncios nem chamou muita atenção. Nasceu como uma pequena experiência viva, fruto da inquietação de um grupo de artistas e educadores, liderados por Augusto Rodrigues. (...) Como faltava uma escola aberta, livre, que desse oportunidade de criação e expressão – um lugar onde as crianças ficassem e fossem felizes –, a Escolinha foi criada. Como não havia lugar amplo, o corredor da Biblioteca Castro Alves foi utilizado.

(...)

Uma escola desse tipo não tem uma data precisa de fundação. (...) Mais tarde, por convenção, fixou-se a data de 8 de julho de 1948, para efeito de comemoração do nascimento da Escolinha.<sup>9</sup>

Inicialmente a EAB focava suas ações especialmente na realização de atividades de arte para o público infantil, e para tal, tinha como esteio a importância da liberdade expressiva e a atenção ao processo investigativo que singulariza cada criança e sua relação consigo e com o fazer criador.

Quando em 1959 cheguei na Escolinha como professora primária de uma escola de Salvador para conhecer aquele espaço – levada por Talula Abramo, filha do artista Lívio Abramo – me surpreendi com um cartaz colocado em destaque na entrada da sala de atividades. Nele, estava escrito: ‘Aqui, em primeiro lugar a criança’. Logo percebi que aquela frase estava presente na ambiência de todos os espaços.

Na sala de atividades, os materiais eram disponibilizados em mesas e bancadas: tinta, barro, lápis, papel, livros, revistas... e cabia a cada criança escolher o material a ser utilizado por ela e o que fazer com ele. Quando o educador percebia que a criança necessitava de uma interação, ele se aproximava fazendo perguntas instigadoras a respeito do que estava sendo realizado. Então, de acordo com o que a criança expressava, o educador ia apresentando livros, materiais... provocando experimentações e descobertas. Diante do meu interesse, Augusto Rodrigues indagou-me se eu desejaria realizar um estágio ali [na EAB].<sup>10</sup>

Tão logo fora instituída, a EAB funcionou na Biblioteca Castro Alves, localizada no prédio do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Rio de Janeiro, o extinto IPASE, localizado na rua Pedro Lessa, no centro do Rio de Janeiro. Os primeiros momentos da EAB apresentaram a dificuldade de se obter uma sede fixa para a realização das atividades do projeto de Educação Através da Arte, o que ocasionou em recorrentes transferências de sedes que refletiam a precariedade na captação de recursos econômicos.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador). Escolinha de Arte do Brasil... 33-34.

<sup>10</sup> Maria Dolores Coni Campos iniciou o estágio na EAB em 1960, momento no qual também passou a trabalhar como professora da Escolinha. Em 1963 retornou a Salvador atendendo ao convite de integrar a equipe de professores do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), uma obra pioneira experimental de educação integral, implantada por Anísio Teixeira naquela cidade. No CECR, Dolores Campos trabalhou como professora de Artes, quando compartilhou as experiências vivenciadas na EAB com os estudantes daquele Centro Educacional. In.: Entrevista a CAMPOS, Maria Dolores Coni, Rio de Janeiro, 04 de dez de 2018. (A entrevista foi realizada através da pesquisa de pós-doutoramento “Escolinha de Arte do Brasil - obra moderna em revisão histórico-conceitual”, durante o momento no qual era elaborada a proposta de projeto para o pós-doc. mencionado).

<sup>11</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador). Escolinha de Arte do Brasil... y Jader Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro: Ed. do Livro, 2008).



A EAB funcionou na rua Pedro Lessa, nº 38, entre 1948 e 1954, sendo transferida em 1954 para o nº 148 da rua México, onde passou a desenvolver suas atividades em uma sala alugada por meio de recursos privados oriundos de doações e articulações feitas por Rodrigues e amigos. No ano 1958 mudou novamente de endereço, passando a funcionar até 1977 na rua Marechal Câmara, nº 314, ocupando espaços localizados no terraço do Ministério de Viação e Obras Públicas. Na sede do Ministério, a EAB vivenciou o seu apogeu.<sup>12</sup>

Quando a Escolinha realmente começou, creio que a tendência era ela se chamar Escolinha Castro Alves, porque estava na Biblioteca Castro Alves. Mas eu – [Augusto Rodrigues] – não quis dar nome à Escolinha. Estávamos realmente fazendo uma experiência em aberto, até o momento em que começamos a sentir que precisava de um nome. Aí é que surgem as crianças que já começavam a dizer: ‘amanhã eu venho à Escolinha’, e elas só chamavam de escolinha. Percebi de imediato que elas faziam uma distinção entre a escola institucional e aquele lugar que elas passavam a chamar de Escolinha. Escolinha, no diminutivo, com o componente afetivo. Uma era a escola onde ela ia aprender, a outra onde ela ia viver experiência, expandir-se, projetar-se. Então foram elas mesmas que deram o nome.<sup>13</sup>

Em 1977 a EAB foi transferida para a rua Carlos Peixoto, nº 54<sup>14</sup>, quando passou a ocupar o espaço de duas casas geminadas pertencentes ao estado do Rio de Janeiro, onde continua funcionando, ainda que não disponha de recursos econômicos. Atualmente, através da ação de arte-educadores e artistas que reconhecem a importância desta instituição na história da arte-educação no Brasil, a EAB resiste, buscando meios para salvaguardar a sua memória e repotencializar a significação da sua história.<sup>15</sup>



Imagem 1

Imagem 2

Foto da fachada e pátio da atual sede da EAB – março de 2019<sup>16</sup>

<sup>12</sup> “O Almirante Lúcio Meira – Ministro de Viação e Obras Públicas de Juscelino Kubitschek – pai de uma aluna da EAB e conhecedor das atividades da entidade [realizadas] em fins de semana no Parque Guinle, sensibiliza-se com o drama da EAB e articula a ida da Escolinha para a nova sede da Avenida Marechal Câmara, [nº] 314, que pertencia ao Ministério de Viação e Obras Públicas”. In.: Jader Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil... 195.

<sup>13</sup> Aspas mantidas de acordo com a publicação original. Foi acrescentado no corpo do texto da citação o nome do autor do pronunciamento, no ensejo de facilitar a fluência da leitura. In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 39.

<sup>14</sup> Jader Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>15</sup> Apesar das intensas precariedades econômicas, são realizadas ações tais como palestras, cursos e oficinas sobre temas e questões vinculados à arte-educação. Atividades que, mediadas em grande parte por profissionais voluntários, contam com a participação de públicos diversificados, dentre os quais são mais constantes arte-educadores, professores e artistas.

<sup>16</sup> Fotos - imagens 1 e 2: autoria e acervo do autor deste artigo.

## Rememorações entrecruzadas à história da EAB: Augusto Rodrigues e Lucia Alencastro

Refletir a respeito da significação da EAB é uma prática que requer revisitações a histórias que antecedem a sua fundação. Este exercício do rememorar remete à infância pessoal do artista Augusto Rodrigues e a questões que se entrelaçam a alguns percursos profissionais vivenciados por artista Lucia Alencastro.

Em sua história pessoal, Rodrigues apresentava uma experiência de inadaptabilidade na escola formal, tendo passado por diversas instituições educacionais em Recife (PE), sem, no entanto, conseguir concluir a antiga 4 série primária. Contudo, Rodrigues encontrou no campo da arte a possibilidade de expressar-se de maneira livre dos engessamentos que na escola formal oprimiam o desenvolvimento expressivo e crítico. Já adulto, ainda que atuando como artista e interagindo por meio de desenhos, pinturas, caricaturas, a sua frustração com a escola formal o levou a buscar uma escola na qual crianças e jovens não somente se expressassem com liberdade, mas também pudessem contar com um espaço acolhedor no qual tivessem oportunidades para desenvolver, em si, o potencial criador, comunicativo, afetivo.<sup>17</sup>

O postulado fundante assumido pela EAB foi a vinculação entre a importância da liberdade no ato de criar e a possibilidade de se vivenciar experiências alicerçadas na paz. No entanto, para Rodrigues, questões tais como a paz e a liberdade estavam diretamente relacionadas, por exemplo, à abertura para o diálogo, à valorização da escuta e do pronunciamento das pessoas marginalizadas, à prática da solidariedade, ao livre criar.<sup>18</sup> No início da década de 1970, comemorando 25 anos da criação da UNESCO, Rodrigues proferiu a palestra Preparação para a Paz – transmitida pela Rádio Difusora Roquete Pinto –, momento no qual reafirmou os valores matriciais da EAB:

A Escola deveria ser a oficina de construção de paz e só o será quando aberta ao diálogo, aos sentimentos de solidariedade, ao invés de escola de monólogo e de competição. Por outro lado, para que essa escola atenda de fato às necessidades básicas da criança, será imprescindível que, a exemplo de Gandhi, possa levá-la, pela palavra e ação, a refletir sobre si mesma e sobre o outro, mesmo quando esse outro não esteja ao seu lado.<sup>19</sup>

No ano 1935, Lucia Alencastro aproximou-se do artista e professor Alberto da Veiga Guignard, quando estabeleceu contato com práticas pedagógicas que, através da arte, valorizavam a liberdade da expressão. O curso de desenho e pintura realizado na Fundação Osório e ministrado por Guignard para meninas órfãs de famílias de militares, chamou a atenção de Alencastro – naquele momento situada como uma das meninas aprendizes. A abertura com a qual o mestre abria portas e janelas da sala de aula para estabelecer, através da arte, diálogos com as estéticas do entorno, favorecendo – por meio da libertação de chavões – o desenvolvimento da expressão, era algo inovador para aquela jovem que anos depois ajudaria a fundar a EAB.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>18</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>19</sup> Augusto Rodrigues (editor), *Jornal Arte & Educação* año I num 8 (1971): 7 y Orlando Miranda (Org.), *Coletânea do Jornal Arte & Educação* (Rio de Janeiro: Teatral, 2009), 135.

<sup>20</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

Esta lembrança, registrada no livro “Escolinha de Arte do Brasil”<sup>21</sup>, nos remete a John Dewey, quando em seu livro *The school and Society* – publicado pela primeira vez em novembro de 1899<sup>22</sup> – o filósofo e crítico de arte norte-americano propôs uma teoria de educação centrada no processo experimental da criança e no reconhecimento de que o desenvolvimento da experiência requeria, da parte do professor, a produção de estímulos que convidassem a criança a olhar para a sua própria experiência de maneira reflexiva.

### Entre John Dewey e algumas interpretações

Dewey percebia no desenho e no manuseio das cores o desejo da criança se expressar. Contudo, sugeria que o professor realizasse perguntas provocadoras que estimulassem na criança a prática da percepção do significado do seu próprio fazer e a libertação da expressão criadora.

A questão da valorização do desenvolvimento da expressividade liberta de modelos aprisionadores nos remete novamente a Augusto Rodrigues e Lucia Alencastro. No ano 1944, enquanto Alencastro estudava na ENBA do Distrito Federal, ela fora convidada a dar aulas de Arte na Fundação Osório, substituindo Guignard que estaria mudando-se do Rio de Janeiro para Minas Gerais.

Ainda naquele ano, Rodrigues organizou um grupo que reuniu artistas e professores para que fossem levantadas questões e realizadas discussões a respeito da Educação Através da Arte. Não somente Alencastro aproximou-se do grupo liderado por Rodrigues, como também o fez a artista americana, Margaret Spencer, que, conforme mencionado, mais tarde veio a ajudar Rodrigues e Alencastro a fundar a EAB.<sup>23</sup>

É válido considerar que na década de 1940 surgiam no Brasil os ateliês de arte voltados para crianças, criados com o propósito de valorizar a produção expressiva através de práticas criadoras. O cerceamento da liberdade de expressão característico do governo Vargas e em especial, do Estado Novo, bem como o término da Segunda Guerra Mundial, foram questões que provocaram a necessidade de, no Brasil, se buscar meios para valorizar o desenvolvimento do potencial expressivo, criador, afetivo e comunicador das crianças, e a arte representava um grande instrumento.

No mesmo ano no qual a EAB foi inaugurada (1948), instituições brasileiras ligadas à educação haviam pleiteado participar de uma Mostra Internacional de Arte Infantil realizada na Itália através do Centro Pedagógico de Milão<sup>24</sup>, para então, conseguir expor produções feitas por crianças brasileiras. Foram enviados para a comissão europeia desenhos realizados por crianças estudantes em instituições educacionais do Brasil, mas o material fora recusado com a justificativa de que os desenhos representavam cópias destituídas de singularidades expressivas. Acontecimentos que iam imprimindo em Augusto Rodrigues e Lucia Alencastro importantes inquietações.

<sup>21</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 32-33.

<sup>22</sup> Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/53910/53910-h/53910-h.htm>>. Acesso em 08 jul de 2019.

<sup>23</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>24</sup> Mostra realizada em parceria com a Federação Esperantista. In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 31-32.

## Reverberações em vias de mão dupla - Herbert Read visita a EAB e Rodrigues estuda na Inglaterra: década de 1950

Passados 12 anos daquela Exposição realizada no MNBA com desenhos feitos por crianças estudantes de escolas da Inglaterra, Herbert Read esteve no Brasil integrando o júri responsável pela seleção de obras para a realização da II Bienal de Arte Moderna de São Paulo, época na qual aproveitou para conhecer, no Rio de Janeiro, a EAB, levado por Augusto Rodrigues que participara da Bienal expondo uma obra artística da sua autoria.<sup>25</sup>

Ainda naquele ano – 1953 – Rodrigues participara do Salão da ENBA, sendo agraciado com o Prêmio de Viagem à Europa que o levou no ano seguinte à Inglaterra, momento no qual reencontrou-se com Herbert Read. Naquela ocasião, o artista e educador brasileiro solicitou ao crítico de arte apoio para realizar na Europa uma exposição de produções artísticas feitas por crianças frequentadoras da EAB e das Escolinhas vinculadas ao MEA.

Esta interlocução gerou uma exposição itinerante que, em 1955, levou para Londres, Lisboa e Roma desenhos, gravuras, colagens e pinturas feitos por crianças brasileiras que frequentavam as atividades de arte da EAB e das Escolinhas de Arte de Cachoeiro de Itapemirim (ES) e do Recife (PE), fundadas respectivamente em 1950 (a do Espírito Santo) e 1953 (a de Pernambuco), a partir das experiências realizadas pela EAB.<sup>26</sup>

A respeito da sua estada na Inglaterra, Augusto Rodrigues sinalizou:

Quando, em 1954, estava na Inglaterra, e pretendia fazer a exposição, procurei o *British Council* e percebi que a ideia não era bem aceita porque, alegava um elemento do *British Council*, eles tinham lá cinco mil exposições desse tipo e isto era comum na Inglaterra.

*Miss. Sullivan*, da cúpula educacional do *British Council*, depois de olhar os trabalhos e dizer que realmente eles tinham um grande interesse, me perguntou se eu tinha uma referência em Londres, alguém que pudesse dar uma indicação do que era o meu trabalho no Brasil. Eu, então, muito receoso, disse a ela: 'A senhora pode falar com o *Sir. Herbert Read*, creio que ele vai recomendar'.

Ela me pediu licença, a fim de telefonar para Herbert Read. Quando desligou, me disse: 'Senhor Augusto Rodrigues, *Sir. Herbert Read* tem um grande apreço pelo senhor e recomenda que o senhor vá agora mesmo, se quiser, ao Instituto de Arte Contemporânea para marcar sua exposição'. Em quinze minutos eu estava lá no Instituto, onde havia três pessoas me esperando, três técnicos para ver o material.<sup>27</sup>

Naquele mesmo momento no qual produções artísticas feitas por crianças brasileiras foram reconhecidas e valorizadas na Europa por sua qualidade estética criadora liberta de clichês, Augusto Rodrigues recebera o convite para participar – na sede parisiense da Unesco – de uma Assembleia que, realizada em 1954, tinha por

---

<sup>25</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>26</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... y Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>27</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 87.

objetivo fundar a *International Society for Education through Art* (INSEA)<sup>28</sup>. Este convite localizou Augusto Rodrigues como sócio fundador da INSEA, fato que veio a dimensionar a significância de Rodrigues e da EAB em relação às questões ligadas à Educação Através da Arte.<sup>29</sup>

### **O Curso Intensivo de Arte-Educação da EAB: reverberações que expandem o Movimento Escolinhas de Arte**

A formação de profissionais para uma educação através da arte passou a ser uma ação oferecida continuamente pela EAB a partir da criação do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), em 1961, sendo coordenado por Noêmia de Araújo Varella desde 61 até 1985. A convite de Rodrigues, Varella retornou à Escolinha em 1959<sup>30</sup> e no ano seguinte assumiu a Coordenação Pedagógica da EAB, compartilhando experiências com a Escolinha de Arte do Recife, dirigida por ela desde a sua inauguração.<sup>31</sup> Fundada por Augusto Rodrigues em 1953, a criação da Escolinha de Arte do Recife contou também com a atuação de importantes nomes tais como a própria Varella, o educador Paulo Freire, os artistas Francisco Brennand, Lula Cardoso Ayres e o *designer* Aloísio Magalhães.<sup>32</sup>

Ainda que a EAB fosse uma instituição de ensino informal, ela contava com importante apoio governamental representado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), dirigido por Anísio Teixeira entre os anos 1952 e 1964. Sustentado no fato de que uma das atribuições do INEP era promover cursos de aperfeiçoamento do magistério e assistência técnico-pedagógica aos profissionais da educação e reconhecendo o valor das propostas e ações realizadas pela EAB, Anísio Teixeira estabeleceu uma forte interlocução institucional entre o INEP e a Escolinha. Via INEP, foram disponibilizados para a EAB recursos financeiros para realização de pesquisas, bem como a concessão de bolsas de estudos para incentivar intercâmbios entre a EAB, escolas e universidades das redes públicas de diversos estados brasileiros.<sup>33</sup>

<sup>28</sup> INSEA: Sociedade Internacional de Educação Através da Arte. In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>29</sup> Desde a primeira Assembleia Geral que contou com Augusto Rodrigues como sócio fundador da INSEA, a EAB passou a participar “de todas as atividades da organização, apresentando análises e depoimentos sobre a experiência brasileira, contribuindo para a formulação de conceitos de arte-educação e promovendo o intercâmbio entre países, professores e artistas. (...) Os encontros da INSEA são oportunidades preciosas para enriquecimento teórico e atualização de todos os que trabalham no campo da arte-educação. (...) A partir de 1960 é eleito Presidente de Honra da INSEA Sir. Herbert Read. (...) Noemia Varella (...) foi, durante muitos anos, a representante latino-americana da INSEA, cargo ‘agora’ exercido por outro membro da Diretoria da EAB e presidente da Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte, Zoé Noronha Chagas Freitas”. In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 91.

<sup>30</sup> Em 1949 Noêmia Varella, que residia em Recife, foi ao Rio de Janeiro conhecer a EAB. In.: Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 61.

<sup>31</sup> “Coordenadores Pedagógicos da EAB: Noêmia de Araújo Varella (1960 a 1985), Celeste Alice Lacerda (1986 a 1994), Monica Perlingeiro (1994 a 1996), Helena Trigo e Moema Quintanilha (1999 a 2004 / 2007 até a presente data), Suzanne Tocci (2005 a 2006)”. In.: Jader de Medeiros Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação...

<sup>32</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>33</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

Professores que lecionavam em escolas formais e em universidades vivenciavam as experiências realizadas pela EAB através de estágios nas diversas atividades ali realizadas, e também como participantes do CIAE. No entanto, sem que houvesse hierarquias, as portas da EAB estavam constantemente abertas para artistas, educadores, terapeutas, estudantes e profissionais oriundos de diversas instituições e localidades.<sup>34</sup>

O Rio Grande do Sul (RS), Recife e a Bahia (BA), mais especificamente Salvador, são exemplos de estados e cidades brasileiros onde foram estabelecidas fecundas intercomunicações com a EAB, reverberando e reinventando com força as propostas e experiências da Escolinha. Na cidade de Salvador, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), fundado por Anísio Teixeira em 1950 nos bairros da Liberdade, Caixa D'água, Pero Vaz e Pau Miúdo<sup>35</sup> localizados na periferia daquele município baiano, estabeleceu forte interlocução com a EAB enviando para o Rio de Janeiro os professores que compunham o corpo docente da Escola Parque vinculada àquele Centro de educação.

### **Cotidianos revelando práticas metodológicas e parceiros: a EAB e o MEA**

Os primeiros momentos da EAB contaram com a presença dos seus fundadores como arte-educadores. Assim, cabia a Augusto Rodrigues, Lucia Alencastro e Margareth Spencer a responsabilidade de realizar as Atividades Artísticas Regulares oferecidas às crianças frequentadoras da Escolinha. Ainda em 1949 outros profissionais somaram forças junto a Rodrigues e Alencastro, atuando como professores do Curso Regular de Atividades Artísticas para Crianças (CAAC), sendo eles: Ana Rabin, Aurora Seabra, Celina Aguirra, Ciléa de Campos Fernandes, Heloisa Fenelon Costa, Irena Barnass, Irene Ermell, Ivete Vasconcelos, Lizete de Almeida, Marieta Masson Jacques, Martha Diaz Lopes, Milagros Veloso e Sally Goldenberg. Em 1950 coube a Alencastro e Rodrigues a realização das atividades do CAAC e em 1951 aquela dupla contou com a participação de Cecília Conde, Marieta Masson Jacques, Marília Mota Lemos e Theresinha Schlosser.<sup>36</sup>

A partir de 1950 começaram a ser realizados cursos por convênios, ampliando as ações da EAB para públicos mais diversificados. O primeiro que se tem notícias nos registros documentais do acervo da EAB, estendeu as ações da Escolinha para educadores e assistentes sociais representantes do Ministério da Agricultura, vinculados à Primeira Missão Rural de Educação de Adultos. No ano seguinte os convênios possibilitaram a realização do curso Fotografia para Crianças através da parceria entre a EAB e o Instituto Nacional de Cinema Educativo. No entanto, não há registro a respeito da composição da equipe de professores do Curso de Fotografia, nem tampouco informações a respeito da carga horária, programa pedagógico, nem do perfil dos participantes daquele curso.

<sup>34</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... y Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>35</sup> Terezinha Eboli, Uma experiência de educação integral – Centro Educacional Carneiro Ribeiro. – 4ª ed. (Rio de Janeiro: Gryphus, 2000), 1.

<sup>36</sup> Informações mais detalhadas a respeito dos cursos abertos na EAB e dos professores e conferencistas podem ser encontradas em documento realizado pela equipe técnica da EAB através da pesquisa “Escolinha de Arte do Brasil. Análise de uma Experiência no processo educacional brasileiro”. A partir deste parágrafo serão apresentadas sínteses a respeito dos cursos e atividades realizados a cada ano na EAB, informações estas constantes na pesquisa mencionada. In.: Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

Em 1952, além do CAAC<sup>37</sup> – que a cada ano era mantido continuamente – foram inaugurados Cursos Regulares atendendo a jovens (CAAJ) e adultos, sendo eles: Silkscreen, Gravura em Linóleo, Xilogravura, Gravura em Metal e Desenho. Ainda em 1952 foi realizado um convênio com o Conservatório Brasileiro de Música, através do qual foram oferecidos o curso Etapas Fundamentais da História da Arte e o curso História da Arte. Também a partir de 1952 outros artistas de renome, tais como, Abelardo Zaluar, Oswaldo Goeldi, Carlos Flexa Ribeiro, Poty Lazzarotto passaram a participar das atividades da EAB ministrando aulas e/ou conferências.

Naquele mesmo ano, diversos outros artistas aproximaram-se da Escolinha atuando nos cursos como professores e conferencistas. Ainda por meio da realização de convênios, a EAB contou com a colaboração do Colégio Bennet para a realização dos cursos Encadernação e, Artes Gráficas.

A partir do ano 1953 o artista Lívio Abramo começou a atuar como professor do Curso Regular de Xilogravura. Ainda em 1953 foram abertos os cursos de Cerâmica, de Litografia e de História da Música, sem caráter regular. No entanto, foram mantidos alguns Cursos Regulares inaugurados nos anos anteriores. Ainda que a relação entre Helena Antipoff e Augusto Rodrigues seja anterior à data da fundação da EAB, os registros documentais levam a crer que somente a partir de 1953 foram sendo realizados cursos em convênio entre a Escolinha e a Sociedade Pestalozzi do Brasil, hipótese que merece ser ainda verificada devido à importância de Antipoff na inspiração da criação da EAB.

Em 1954 foram realizados cursos em convênio com o INEP, dentre os quais o de Atividades Artísticas para Sanitaristas e Educadores Sanitários. No ano 1955 foi promovido na EAB o curso Fundamentos e Técnicas da Recreação em parceria com o SENAC. Ainda em 55 foram inaugurados diversos cursos vinculados ao INEP, sendo eles: Atividades Artísticas para Professores; Teatro Escolar para Jardim de Infância e Curso Primário Intensivo; História das Artes Plásticas; Teatro de Sombras Vivas para Professores de Jardim de Infância e Curso Primário e o Centro de Estudos de Artes Plásticas da FNF<sup>38</sup>. Em 1956 foram realizados, também em parceria com o INEP, cursos que ofereciam a professores e recreadores vivências com diversas atividades artísticas. Ainda naquele ano, o artista, historiador, crítico de artes Carlos Cavalcanti e o antropólogo, educador, escritor Darcy Ribeiro passaram a integrar a equipe dos Cursos Regulares da EAB.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> O CAAC não era um Curso Regular subdividido por abordagens temáticas, uma vez que as mais diversas modalidades e técnicas artísticas eram oferecidas no cotidiano das atividades como possibilidades de escolhas e a decisão a respeito de qual técnica ou modalidade artística seria utilizada era determinada pelas próprias crianças. Durante as práticas pedagógicas era recorrente que a decisão de uma criança em relação ao material a ser utilizado em uma atividade diferisse da escolha de outra criança que estava no mesmo espaço físico, questão sempre respeitada pelos educadores da EAB. Em relação aos Cursos Regulares (temáticos) realizados por convênios, não é possível ainda esclarecer detalhes a respeito do seu funcionamento. As atividades do CAAJ, muitas das vezes realizadas por convênios, eram ações com especificidades plurais realizadas, supostamente, por meio de períodos determinados, embora estivessem vinculadas a um Curso Regular.

<sup>38</sup> Possivelmente esta sigla se refira à Federação Norte-Rio-Grandense de Futebol (FNF), originalmente fundada em 1918 com o nome de Liga de Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte. Disponível em <<https://www.fnf.org.br/historico>>. Acesso em 18 jul de 2019.

<sup>39</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...



A partir de 1956 foram realizados pela EAB diversos outros cursos por meio de convênios e, a cada ano, iam sendo abertos outros, tais como: História da Pintura Contemporânea (início em 1956); História e Crítica da Pintura Moderna (início em 1958); Pedagogia do Desenho e Artesanato, com Seonaid Robertson (início em 1959); Problemática da Arte Moderna (início em 1960); Ikebana (início em 1961); Fantoques (início em 1961); História das Artes Plásticas: Arquitetura, Escultura e Pintura (início em 1961).

Fundado em 61, o CIAE diferenciou-se dos cursos realizados na EAB por convênios não somente pela carga horária que estendia a formação do arte-educador a até 4 meses, mas também pelo fato de que a amplitude da proposta curricular do Curso Intensivo possibilitava interconectar a vivência prática das plurais modalidades artísticas e problemáticas ligadas à arte-educação, ao estudo de teóricos vinculados às diversas áreas do conhecimento. Nesta perspectiva, vale registrar que Noêmia Varella foi uma grande defensora da importância de se investir, através da EAB, no entrelaçamento da experiência artístico-pedagógica ao estudo teórico-científico. Em depoimento concedido à Lucia Marina Moreira Penna em 1987 – editora e redatora do Boletim Fazendo Artes, publicado pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) –, Varella destacou que:

Não somente Herbert Read influenciou para que a experiência Escolinha de Arte do Brasil fosse encenada, aprofundada e divulgada como um movimento. A questão da arte na educação conquistara espaço na modernidade. Outros teóricos e poéticos construtores da arte-educação, em vários países, desde o início do século XX, haviam realizado significativos estudos e relevantes experiências. Muitos de seus princípios, de suas ideias e práticas foram integrados ao Movimento Escolinhas de Arte: Franz Cizek (Áustria), Marion Richardson, A. Barclay-Russel (Inglaterra); Célestin Freinet, Arno Stern, P. Duquet (França); Viktor Lowenfeld (Áustria/EUA); John Dewey, Rudolf Arnheim (EUA); Jesualdo (Uruguai); Henry Schaefer-Simmern (EUA); Walter Gropius (República de Weimar); Seonaid M. Robertson (Inglaterra - esteve no Brasil de abril a agosto de 1959, trazida por Augusto Rodrigues e, focalizando a arte no processo educativo, fez cursos na EAB/RJ e conferências na Escola de Belas Artes de Pernambuco e na Escolinha de Arte do Recife); Tom Hudson (Inglaterra - atualmente no Canadá, veio ao Brasil na década de 70 e foi, como Seonaid Robertson, um dos inovadores da *art-education* na Inglaterra - ambos sofreram o impacto da proposta de Herbert Read); Ulisses Pernambucano, Sylvio Rabello, Aloísio Magalhães, Francisco Brennand, Paulo Freire (Pernambuco); Anísio Teixeira, Lucio Costa, Nise da Silveira, Liddy Mignone, Poty, Cecília Conde, Oswaldo Goeldi, Luiz Cerqueira, Abelardo Zaluar, Tiziana Bonazzola, Onofre Penteado Neto, Heloisa Marinho (Rio de Janeiro); Helena Antipoff (Minas Gerais); Lívio Abramo (Brasil/Paraguai). Citei apenas aqueles que através de publicações, pesquisas e experiências nos levaram a pensar arte-educação, de 1948 à década de 1950. O que nos legaram continua sendo fonte de ideias e reflexões sobre criatividade, arte e educação, básicas à formação de recursos humanos para a educação criadora. Muitos deles se revelaram pioneiros na luta de transformar a educação em instrumento democrático inovador de vida e, até mesmo para alguns, um instrumento de justiça social.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Lúcia Marina Moreira Penna (Org.), Boletim Fazendo Artes N 13 (Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1988), 4, 5. Este Boletim pode ser encontrado em Maria Dolores Coni Campos, Encontros hoje,

Apesar da fundação do CIAE em 1961, os cursos conveniados continuaram a ser realizados. Em 1962 foram abertos os cursos de Esmaltação em Cobre; Trabalho Espontâneo em Madeira. Em 1963 os de Dança na Educação, com Maria Fux; Educação Musical para Crianças; A criança Disléxica e as Atividades Artísticas Básicas à sua Reeducação; Arte na Educação (para Professores de Excepcionais), este em convênio com a APAE e o INEP. No ano seguinte passaram a funcionar os cursos Atividades na Reeducação dos Disléxicos e Mímica na Reeducação dos Disléxicos. Um curso de Estampagem iniciou em 1965 e de Estampagem em Tecido, em 1966. Em 1967 foram mantidos cursos inaugurados anteriormente. Em 1968 foi realizado o curso A Função Terápica da Arte na Escola, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do RJ.<sup>41</sup>

Conforme demonstrado nos parágrafos acima, desde a década de 1950 a EAB iniciou convênios com diversas instituições e órgãos, vindo a realizar cursos através dos quais eram enfocadas temáticas e abordagens específicas, de acordo com o perfil dos participantes e da instituição vinculada ao convênio. Embora a EAB fosse uma instituição de educação não formal e trabalhasse com um público bastante diversificado, a experiência metodológica criada pela EAB tornou-se uma referência, vindo a influenciar as práticas pedagógicas realizadas em escolas do sistema formal de ensino público e privado.

Diante dos quadros apresentados nos parágrafos anteriores a respeito da diversificação de temas e questões abordados nos cursos realizados pela EAB é possível notar que, desde os anos iniciais da EAB a equipe responsável por sua administração buscou montar um corpo técnico-pedagógico e artístico através do qual foram oferecidas, aos públicos participantes, experiências que valorizavam vivências e percepções de mundo em perspectivas extensas. Na época, era inovador uma instituição informal realizar convênios com organizações as mais diversas no ensejo de pensar a formação profissional via planejamentos didáticos amplos.

A composição da equipe técnico-pedagógica e artística que atuava na EAB realizando cursos, palestras e diversas atividades, deveria representar a importância da pluralidade de experiências na formação do arte-educador. Nesta perspectiva, não somente a titulação com experiência em docência era valorizada na EAB, como também eram altamente reconhecidos o saber artesão e o saber artístico, questões que expressavam a concomitante valorização da qualificação formal e informal.<sup>42</sup>

### **Em desdobramento de mundos: encontros para interlocuções reflexivas e criadoras**

No mesmo ano da criação do CIAE, a EAB realizou em 1961 o I Seminário Internacional sobre Arte-Educação, abrindo as portas da sede da Escolinha para um público que expressava as dimensões criadora, reflexiva, realizadora e irradiadora do MEA.<sup>43</sup> Dentre as diversas pessoas que representaram naquele Seminário Internacional a significação do MEA, estava presente o então reitor da *Universidad Católica de*

---

encontros ontem: cartas que vão, cartas que vem, entre na roda você também Dissertação de Mestrado (Universidade Federal Fluminense, 2003) (Anexos).

<sup>41</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>42</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>43</sup> Em 1961 a EAB funcionava no prédio do Ministério de Viação e Obras Públicas. In.: Jader Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil... 195.

*Villarrica*<sup>44</sup>, Ramiro Dominguez. Ligado ao MEA, o professor, poeta e cientista social latino-americano mantinha interlocuções com a EAB desde 1959 através da *Escolinha de Arte del Paraguay*, criada a partir das experiências da EAB.<sup>45</sup>

Quase uma década depois a EAB realizou no Rio de Janeiro, especificamente no Centro Educacional Calouste Gulbenkian, o segundo Encontro das Escolinhas de Arte, reunindo 200 professores e artistas oriundos de diversas localidades do Brasil e do exterior. Naquele Encontro – realizado entre os dias 17 e 21 de julho de 1972 – foi ratificado que a EAB deveria manter-se como referência centralizadora e irradiadora do MEA. Também foi decidido ser necessário criar a Associação Brasileira de Educação pela Arte e que este organismo deveria ser vinculado à INSEA, Sociedade internacional fundada pela UNESCO em 1954.<sup>46</sup>

O Encontro das Escolinhas de Arte realizado em 1972 contou com uma conferência ministrada por Augusto Rodrigues, quando foi realizado um “mosaico reflexivo” a respeito do Movimento das Escolinhas e Suas Perspectivas. Dando continuidade à programação do evento, a professora e artista plástica Maylda Bessa fez uma palestra a respeito da Renovação do Ensino, enquanto que Noêmia Varela falou sobre Criatividade na Escola e Formação do Professor.<sup>47</sup>

Aos vinte e quatro anos de existência da EAB, o MEA expressava a grandeza da Escolinha como referência criadora, disseminadora e transformadora de experiências. A proliferação das Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA provocou a necessidade de se criar uma Sociedade que divulgasse as ideias e ações da EAB e daquele Movimento. Seria, portanto, necessário proporcionar intercomunicações entre as diversas Escolinhas criadas no Brasil e no exterior a partir das práticas da EAB.

Contudo, a percepção de que era preciso ampliar as interlocuções entre os integrantes do MEA e fortalecer reflexões mostrava ser também necessário investir em trocas de experiências com outros educadores e instituições que atuassem no campo da Educação Através da Arte e da Educação Criadora. Respondendo a estas demandas, em 1973 – ano que seguiu o segundo Encontro Escolinhas de Arte – foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (SOBREART).<sup>48</sup> Registros constantes no segundo Informativo da SOBREART do ano I, publicado em julho de 1988, afirmam que os intercâmbios deveriam não somente estimular a realização de pesquisas, cursos, seminários e conferências no campo da educação criadora, mas também representar o Brasil junto ao INSEA. No entanto, através daquele documento a SOBREART destacou a importância de estender as Intercomunicações a países da América Latina.<sup>49</sup>

---

<sup>44</sup> Localizada no Paraguai.

<sup>45</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte. Anais (Rio de Janeiro, 1977).

<sup>46</sup> Augusto Rodrigues (editor), *Jornal Arte & Educação* (Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, año I num 12 (1972) y Augusto Rodrigues (Coordenador), *Escolinha de Arte do Brasil... y Orlando Miranda, (Org.), Coletânea do Jornal Arte & Educação...*

<sup>47</sup> Augusto Rodrigues (editor), *Jornal Arte & Educação... y Orlando Miranda, (Org.), Coletânea do Jornal Arte & Educação... 193.*

<sup>48</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...

<sup>49</sup> SOBREART, Informativo N 2 - ano I (Rio de Janeiro, 1988). Este Informativo pode ser encontrado em Maria Dolores Coni Campos, *Encontros hoje, encontros ontem: cartas que vão, cartas que vem, entre na roda você também...* (Anexos).

Segundo Zoé Chagas Freitas, Vice-Presidente da EAB entre os anos 1964 e 1982<sup>50</sup>, durante a viagem realizada por Augusto Rodrigues em 1953 à Inglaterra – através do Prêmio de Viagem à Europa, concedido pela ENBA –, o fundador da EAB já pressupunha ser crucial estender os intercâmbios da Escolinha a diversos países da América Latina.<sup>51</sup>

Conforme já mencionado neste artigo, Rodrigues aproveitou a estadia na Inglaterra para encontrar-se com Herbert Read e solicitar apoio para a realização de uma exposição que apresentasse, na Europa, produções artísticas feitas por crianças frequentadoras da EAB e de algumas Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA.<sup>52</sup> O intercâmbio entre Brasil e Inglaterra vivificava em Augusto Rodrigues a demanda de que através da EAB seria possível realizar interações que valorizassem o universo latino-americano na criação de ações que, como relatou Zoé Chagas Freitas tivessem “em vista a identidade da situação socioeconômica [das nações que compõem a América Latina], em nível de dependência das matrizes capitalistas, as raízes culturais comuns e a busca de soluções eficazes para a superação do subdesenvolvimento”<sup>53</sup>

### **Escolinhas de Arte expressam a potência do MEA e da EAB: um mapa de reverberações**

Até 1978 o MEA havia criado 145 Escolinhas de Arte. No município do Rio de Janeiro foram fundadas 25, considerando neste total a própria EAB, aberta ao público em 1948. Em outras localidades do estado do Rio de Janeiro espalharam-se mais outras Escolinhas de Arte, sendo que a primeira criada em Niterói – de um total de quatro Escolinhas –, fora fundada em 1954. Em outros quatro municípios do Rio de Janeiro foi inaugurada apenas uma Escolinha de Arte, sendo uma em Macaé e outra em Nova Friburgo, ambas criadas no ano 1960, enquanto que a Escolinha de Petrópolis e a de Cabo Frio foram fundadas em 1971, totalizando a fundação de 33 Escolinhas no estado do Rio de Janeiro entre 1948 e 1978.<sup>54</sup> Dentro deste mesmo recorte temporal que engloba as décadas de 1940 a 1970, no ano 1950 foi inaugurada a primeira Escolinha de Arte – de um total de três – no Espírito Santo (ES). E no mesmo ano foi fundada, em Porto Alegre, a primeira do Rio Grande do Sul, de um total de 44. Segundo Augusto Rodrigues, naquele Estado brasileiro não somente foi criada a maior quantidade de Escolinhas de Arte por região, como também o RS representou, para Rodrigues, o local que em sua totalidade mais se aproximou das ideias propostas pela EAB<sup>55</sup>.

<sup>50</sup> Presidentes da EAB: Cordélia de Moraes Vital (1952 a 1982), Alfredo Nader (1982 a 1985), João Ruy Medeiros (1985 a 1987), Orlando Miranda (1988 até a presente data); Vice-Presidentes da EAB: Elisa Lopes Velloso (1952 a 1956), Augusto Rodrigues (1957, 1958, 1960, 1961, 1962), Aníbal de Mello Pinto (1959), Zoé Chagas Freitas (1964 a 1982), Abelardo Zaluar (1982 a 1985), Ary Macedo (1985 a 1987), Wagner Siqueira (1988 até a presente data). In.: Jader de Medeiros Britto (Org.), 60 anos de Arte-Educação... 197, 198.

<sup>51</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...

<sup>52</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... / SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...

<sup>53</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 11.

<sup>54</sup> Informações a respeito das Escolinhas de Arte criadas a partir das experiências realizadas pela EAB ou vinculadas ao MEA podem ser encontradas com maiores detalhes em documento realizado pela equipe técnica da EAB através da pesquisa realizada em 1978. In.: Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>55</sup> Entrevista a Maria Dolores Coni Campos...

Em 1951 foi aberta uma Escolinha de Arte em Salvador, por Rosita Salgado. Ainda na busca de mapear a extensão do MEA na América Latina entre o período do ano 1948 e 1978, vale ressaltar que em 1953 foi criada em Recife a primeira Escolinha de Arte de Pernambuco (PE), de um total de quatro Escolinhas de Arte naquele Estado. Esta Escolinha tornou-se uma potente experiência de arte-educação vinculada ao MEA. No ano seguinte foi aberta uma em Belo Horizonte, de um total de 10 Escolinhas criadas em Minas Gerais (MG). No mesmo ano foi inaugurada, em Maceió, a primeira de Alagoas (AL), Estado que contou até 1978 com a criação de três Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA.

No ano 1955 foi inaugurada em Curitiba a primeira das 12 Escolinhas criadas no Paraná (PR). Três anos depois foi fundada a primeira e única de Aracajú, no estado de Sergipe (SE). Em 1959 surge em Assunção, no Paraguai, a primeira Escolinha de Arte criada em um país estrangeiro da América Latina e vinculada ao MEA. Fundada por Augusto Rodrigues, a *Escolinha de Arte del Paraguay* foi apoiada pela Missão Cultural Brasileira.<sup>56</sup>

Em 1960 foi inaugurada a Escolinha de Arte localizada em João Pessoa, de um total de duas criadas na Paraíba (PB) até o ano 1978 e vinculadas ao MEA. Naquele mesmo ano fora aberta a primeira das duas criadas na Argentina, uma em Buenos Aires, fundada por Rodrigues com o apoio da Embaixada do Brasil e outra em Rosário, esta sem indicação de data de fundação.

No ano 1961 o Movimento criou a Escolinha de Arte e Música de São Paulo – sob a direção de Edda Meoeni –, primeira Escolinha de Arte vinculada ao MEA fundada no estado de São Paulo (SP) e, em especial, na capital paulistana. A partir desta data foram abertas outras onze Escolinhas naquele Estado. Em 1963 foi aberta, em Florianópolis, a primeira Escolinha de Santa Catarina (SC), entre um total de três. No ano seguinte foi fundada a primeira Escolinha de Arte da nova Capital Federal do Brasil. Em Brasília foram criadas até o ano 1978 três Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA. Em 1965 foi inaugurada a Escolinha do Macapá, única do estado do Amapá (AP). Ainda naquele ano, o projeto de intensificar o intercâmbio da EAB na América Latina foi ampliado com a inclusão do Atelier de Cecília Menano no MEA, fato que foi formalizado com a mudança do nome a partir de 1965 para Escolinha de Arte de Portugal. Em Goiás (GO) foram criadas três Escolinhas de Arte, sendo que a primeira fora fundada em 1967, especificamente em Goiânia. No estado do Mato Grosso (MT) foi criada uma Escolinha em 1972, situada em Cuiabá. Fortaleza foi a cidade brasileira do estado do Ceará (CE) onde fora aberta entre 1948 e 1978 a única Escolinha de Arte vinculada ao MEA. A data de fundação desta Escolinha não está registrada no relatório de pesquisa “Escolinha de Arte do Brasil. Análise de uma experiência no processo educacional brasileiro”. Também a data da fundação da única Escolinha de Arte criada no Mato Grosso do Sul não foi mencionada na pesquisa feita pela equipe da EAB em 1978 pelo INEP, porém foi registrado que a Escolinha de Arte de Campo Grande (MS) “não funciona desde 1971”.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), *Escolinha de Arte do Brasil...* y Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), *Escolinha de Arte do Brasil...*

<sup>57</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), *Escolinha de Arte do Brasil...* 534. Dentre as 144 Escolinhas de Arte criadas entre 1948 e 1978 na América Latina através do MEA, 130 foram fundadas com o título de Escolinha de Arte, como maneira de chamar a atenção para a vinculação da instituição ao Movimento. Considerando o total de 145 Escolinhas, 58 foram registradas no documento “Escolinha de Arte do Brasil. Análise de uma experiência no processo educacional brasileiro” sem que fosse mencionada a data da fundação da instituição.

Ainda sem registro de data de fundação está a Escolinha aberta em Natal: única criada no Rio Grande do Norte (RN) entre 1948 e 1978, vinculada ao MEA.

Em 1977 a representante da SOBREART no estado da Bahia e membro da Assessoria da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador – Maria Dolores Coni Campos –, contou com forte apoio institucional para que fosse articulada a criação do Núcleo Municipal de Arte/Educação (NUCLEARTE)<sup>58</sup>, trabalho de educação informal vinculado àquela Secretaria.

No ensejo de que a criação daquele Núcleo fosse realizada em consonância com as propostas da EAB – e do MEA –, foi organizado o I Encontro Municipal de Arte/Educação da cidade do Salvador, em agosto de 1977, evento que contou com a presença e participação de Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, Lucia Valentim, Zoé Chagas Freitas, bem como do diretor do Departamento de Cultura do Estado do Rio de Janeiro – Paulo Affonso Grisolli – e representantes do MEA de diversos estados do Brasil.<sup>59</sup>

Ainda no ano de 1977 a SOBREART realizou o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte na UERJ, enfocando a significância do MEA na América Latina. Segundo depoimento da, então, Presidente da SOBREART – Zoé Chagas Freitas –, mais de 3.000 pessoas participaram do evento e novas Escolinhas de Arte foram fundadas no Brasil a partir daquele Encontro.<sup>60</sup>

Até aquele momento no qual a SOBREART realizou o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, a EAB havia realizado diversas ações de intercomunicações que muito ajudaram a fortalecer o MEA, dentre as quais vale mencionar exposições realizadas no Brasil e no exterior com a participação da EAB e do MEA.

No documento “Escolinha de Arte do Brasil. Análise de uma experiência no processo educacional brasileiro” é possível verificar que entre 1950 e 1977 foram realizadas, nas mais diversas localidades do Brasil, 97 Exposições abertas ao público com a participação ou a realização da EAB. Nestes eventos foram compartilhadas produções artísticas criadas pelos públicos participantes das atividades da EAB e das Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA, em especial, produções feitas pelo público infantil, embora tenham sido realizadas algumas Mostras com criações artísticas realizadas por jovens e adultos.

No exterior foram organizadas 84 Exposições que difundiram as ações da EAB e das Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA, sendo que deste total, 22 Exposições foram realizadas em países da América Latina. Mostras artísticas levaram as experiências da EAB e do MEA para a Argentina; Chile; El Salvador; Equador; México; Panamá; Paraguai; Peru; Venezuela.<sup>61</sup> Dentre as Exposições Internacionais – vinculadas à EAB e ao MEA –,

<sup>58</sup> O NUCLEARTE não está citado no documento “Escolinha de Arte do Brasil - análise de uma experiência no processo educacional brasileiro”. No entanto, ao contabilizar entre os anos 1948 e 1978 o total de 145 Escolinhas de Arte vinculadas ao MEA, foi considerado que o NUCLEARTE fora uma espécie de ‘Escolinha de Arte’ e que sua fundação foi realizada de maneira vinculada ao MEA.

<sup>59</sup> Entrevista a CAMPOS, Maria Dolores Coni...

<sup>60</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...

<sup>61</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

realizadas entre 1950 e 1977 em países que estão fora do eixo Latino-americano, 62 Mostras percorreram pela Alemanha; Áustria; Coréia; Espanha; EUA; França; Holanda; Índia; Inglaterra; Irlanda do Norte; Itália; Iugoslávia; Japão; Londres; Luxemburgo; Portugal; Reino Unido; República da China; República das Filipinas; Tchecoslováquia; Turquia.<sup>62</sup>

Portanto, quando a SOBREART realizou na UERJ o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, o MEA já havia estabelecido significativas intercomunicações com diversas capitais e cidades do Brasil, como também com os outros 9 países latino-americanos já mencionados: Argentina, Chile, El Salvador, Equador, México, Panamá, Paraguai, Peru, Venezuela.

### **Herbert Read: confluências**

Ao ser criada durante o pós-guerra, a EAB teve seus pressupostos fundantes alicerçados na defesa da liberdade de expressão, questão intensamente valorizada e defendida por Herbert Read.<sup>63</sup> Em momento no qual diversos países se organizavam no intuito de reconstruir suas esferas econômica, política e cultural, a questão da política pela defesa e construção da paz era algo que se impunha como um desafio premente. As crises causadas pela Segunda Guerra intensificaram a urgência de se instaurar um meio de favorecer a cooperação intelectual entre as nações, em prol da paz mundial.

A esperança e confiança de que um novo modo de se estabelecer as relações internacionais poderia ser proposto e desenvolvido, expressa a expectativa com a qual o mundo partido do pós-guerra buscou reconectar potencialidades das nações. Portanto, a intercomunicação revelava-se como um caminho fulcral para que fosse possível forjar caminhos para que a paz se desse em âmbito internacional.

A valorização da vida, dos indivíduos, da liberdade de expressão, da justiça eram impulsos que nos mais diversos cantos do mundo exigiam que a formação do humano se desse de maneira integrada ao pensamento crítico libertário e ao convívio respeitoso na pluralidade. Neste contexto, a Formação Através da Arte oferecia ferramentas para que o ser humano tivesse suas singularidades respeitadas através de uma “educação criadora, que visava integrar a atividade artística no processo educativo” (...) <sup>64</sup>.

Na obra “A Educação pela Arte”, Herbert Read retomou a tese originalmente formulada por Platão de que “a arte deve ser a base da educação”<sup>65</sup> e propôs uma interpretação da opinião de Platão acerca da função da arte na educação. Em 1945, Read reafirmou a teoria formulada pelo filósofo grego de que “sobre a educação postula o princípio da liberdade”<sup>66</sup> e apresentou a proposta de uma atualização crítica da questão formulada por Platão. Em contraposição a uma educação que, em prol da uniformidade se propunha “dirigida para a eliminação de todas as excentricidades e para a produção de uma massa uniforme”<sup>67</sup>, Herbert Read diferenciou-se, apesar das limitações da época à qual ele não se descolou de todo. O campo gerado por Read foi produtor de um terreno

<sup>62</sup> Luiz Raul Dodsworth Machado (Redator), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>63</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>64</sup> SOBREART, Informativo... 1.

<sup>65</sup> Herbert Read, A Educação pela Arte (São Paulo: Martins Fontes, 1982), 13.

<sup>66</sup> Herbert Read, A Educação pela Arte... 19.

<sup>67</sup> Herbert Read, A Educação pela Arte... 16.



fértil para a afirmação de uma educação democrática e de uma democracia libertária. Inspirado em Platão, Read desafiou-se com uma pergunta lançada a si mesmo – Qual é o objetivo da educação? – e a partir dela, atentou-se a questões que o levassem a pensar criticamente a respeito da função da arte na educação.

Read destacou, dentre outras hipóteses, que o objetivo da educação é favorecer que o indivíduo desenvolva uma “maneira singular de falar ou de sorrir, (...) de ver, de pensar, de inventar, de expressar o pensamento ou a emoção e, neste caso [destaca Read], a individualidade de um homem pode ser de valor incalculável para toda a humanidade”<sup>68</sup>.

A vinculação da individualidade do humano a algo que vai além do indivíduo traz implícita a sinalização de que a individuação do humano pressupõe o social. Para Read, uma vez que “a singularidade não tem valor prático isoladamente”, é necessário atentar-se para o fato de que “a educação deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de (...) reconciliação da singularidade individual com a unidade social”<sup>69</sup>.

Levanto aqui a proposta de se pensar a unidade social destacada por Read na perspectiva de uma democracia que tenha como princípio básico proteger a liberdade humana enquanto um direito igualitário que exige o reconhecimento, respeito e valorização do plural, questão diretamente vinculada aos modos através dos quais as políticas de educação e cultura devem ser propostas, asseguradas e desenvolvidas.

Saber que a EAB deveria intensificar os intercâmbios na América Latina em busca de uma maior percepção do universo latino-americano, era algo que para Augusto Rodrigues não isentava a EAB – e o MEA – de buscar meios para que fosse construída coletivamente uma visão solidária capaz de gerar ações em prol da reestruturação da democracia. E isto requeria intercomunicações solidárias e críticas entre diversos países.

No entanto, no contexto do pós-guerra, a democracia somente poderia ser reconstruída através do reconhecimento de que o diálogo entre os plurais – fossem eles nações, culturas, povos, instituições, grupos etc. – exigia a defesa de que a liberdade de expressão é um direito humano inalienável. Foi nesta perspectiva que a SOBREART realizou em 1977 o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte.

Segundo a então Presidente da SOBREART – Zoé Chagas Freitas – a EAB, o MEA e a Educação Através da Arte tinham como um dos seus propósitos fundamentais, questionar o papel da escola e da educação criadora na afirmação de valores que correspondessem ao “apelo de mudança social lançado pela baixa condição de vida de nossas populações”.<sup>70</sup> Na condição de representante da SOBREART, Freitas chamou a atenção para o fato de que embora as populações latino-americanas tenham raízes culturais e históricas comuns, elas são constituídas por singularidades que requerem “o respeito a sua liberdade de expressão, a valorização da experiência cultural do povo, a necessidade de cultivar uma visão solidária de aproximação entre as nações para a comunhão de experiências de vida”.<sup>71</sup>

<sup>68</sup> Herbert Read, A Educação pela Arte... 18.

<sup>69</sup> Herbert Read, A Educação pela Arte... 18.

<sup>70</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 11.

<sup>71</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 11.

A afirmação de Zoé Chagas Freitas – mencionada no parágrafo anterior – ressalta o fato de que para perceber as demandas que urgem por transformações sociais é necessário considerar que, embora os povos latino-americanos tenham raízes culturais e históricas comuns, diferem-se por suas singularidades culturais, sociais e políticas. Freitas, então, menciona a necessidade de, junto aos povos latino-americanos, se “empreender um trabalho em âmbito regional”<sup>72</sup> que se atente não somente àquilo que expressa diferenciações e singularidades, mas que consegue fazer emergir as reais problemáticas dos universos latino-americanos.

Na contramão da hierarquização das experiências, a EAB propôs e desenvolveu um projeto artístico de educação que conciliava ações muitas das vezes apartadas pelo campo científico. Ao defender que a liberdade de expressão é um direito inalienável, a Escolinha buscou criar mecanismos para uma educação criadora alicerçada em articulações que desafiavam fronteiras separatistas.

Considerando o recorte temporal enfatizado neste artigo – década de 1940 a 1980 – vale registrar que ao assegurar a importância de uma metodologia que – dentre outras questões – conciliava o fazer artístico, a aproximação a culturas desconhecidas, a análise crítica da própria experiência e da experiência do outro, a intercomunicação entre os plurais, a interdisciplinaridade na prática pedagógica, a valorização da prática como estudo e experiência, a EAB expandia estéticas também por reinventar mecanismos de articulação política capazes de desencadear ações integradas, sem que a dimensão plural inerente à vida fosse negada. Portanto, o fato de que desde a criação da SOBREART foi estabelecido que aquela Sociedade deveria ter como projeto prioritário a realização de um Encontro Latino-Americano que desse foco à necessidade de se estudar os problemas relativos à América Latina no quadro regional, para que, a partir dos estudos fosse possível “examinar mecanismos de articulação capazes de desencadear [na América Latina] uma ação integrada”<sup>73</sup> era uma questão que endossava o caráter revolucionário da EAB e do MEA. A proposta de realizar através da SOBREART o I Encontro Latino Americano de Educação Através da Arte expressava o desafio de se “repensar, na realidade latino-americana, todo o conjunto de implicações existentes no processo dialético das relações entre ARTE – EDUCAÇÃO – COMUNIDADE”<sup>74</sup>, questão que requeria uma atenção especial para experiências culturais e políticas públicas que singularizam nações, povos, comunidades, grupos e indivíduos.

### **I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte: algumas considerações**

A amplitude do tema escolhido para o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte exigia que a organização do Encontro também se desse na perspectiva de uma ação integrada, na qual, intercomunicações solidárias reunissem pessoas e instituições plurais. Vale ressaltar, então, o papel decisivo da UERJ para que as múltiplas ações do Encontro pudessem ser realizadas de forma concomitante, dinamizando reflexões crítico-criadoras ao reunir durante cinco dias pessoas as mais diversas.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 11.

<sup>73</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 12.

<sup>74</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 12.

<sup>75</sup> As informações referentes ao “I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte” apresentadas nos parágrafos anteriores e subsequentes foram coletadas nos Anais deste Encontro. *In.*: SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...

O noticiário do Encontro foi veiculado através de TV, rádio, jornais impressos sem que fossem gerados custos onerosos. O artista plástico – e professor da EAB – Abelardo Zalar, contou com o apoio da FUNARTE, do Museu Nacional da UFRJ e do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro para que fossem organizadas as exposições artísticas do Encontro, enquanto que a Empresa Brasileira de Filmes (EMBRAFILME) responsabilizou-se pela promoção de uma Mostra do Cinema Brasileiro.

Segundo registros constantes nos Anais “as inscrições do Encontro elevaram-se a 1.632, não incluindo as cortesias concedidas aos estudantes da UFRJ, da área de educação artística”.<sup>76</sup> O fato de terem sido ofertadas cortesias àquela Universidade Federal levanta a hipótese de que os estudantes da UERJ também tenham sido estimulados a participar do Encontro sem que fossem geradas cobranças financeiras referentes às suas inscrições.

Através das Mesas redondas, Comunicações especiais e Comunicações específicas compostas por representantes de diversos países, foram apresentadas 88 perspectivas a respeito das relações entre Arte, Educação e Comunidade. A partir das experiências, estudos e pesquisas apresentados nas atividades do Encontro, os participantes e conferencistas realizaram reflexões por meio das quais se elaborou um documento político voltado para a construção de ações e políticas públicas educacionais que visavam serem implementadas em países latino-americanos, tendo por eixo problematizador a questão da “liberdade enquanto destino do homem” e a “educação criadora como caminho eficaz para a concretização dessa liberdade”.<sup>77</sup>

O documento intitulado Recomendações, não somente ressaltou a necessidade de se investir nas intercomunicações e trocas de experiências entre os profissionais – e os interessados – pela Educação Através da Arte, como também apresentou demandas que urgiam por serem realizadas e que dizem respeito ao reconhecimento da significância da educação criadora nos ensinamentos formal e informal. Ainda coube às Recomendações, assegurar a necessidade de que as interlocuções entre estas duas esferas do campo da educação – Formal e Informal – fossem mantidas e firmadas. Como Recomendações Gerais, foram registradas as seguintes proposições:

1. Que a política educacional nos países latino-americanos favoreça o desenvolvimento da capacidade crítica e criadora dos povos do continente – condição primordial para uma existência em paz e liberdade;
2. [Que] seja desenvolvida uma estratégia na educação latino-americana que valorize e restaure a dignidade do professor no campo social, político e econômico, de modo a assegurar a participação que lhe cabe no processo de estruturação e organização do sistema educacional;
3. [Que] seja dada ênfase à formação do arte-educador nas escolas de preparação de professores do 1º e 2º graus, bem como à divulgação dos fundamentos da educação através da arte nessas escolas e nas faculdades de educação;
4. Que os participantes do Encontro se organizem por estado e por país, em grupos de reflexão e discussão constante, para que haja aprofundamento e continuidade no trato desses temas;
5. Que a SOBREART assuma papel dinamizador apoiando o esforço comum de organização e estudo no Brasil. E que a INSEA Regional para a América do Sul e Central [representada por Augusto

<sup>76</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 13.

<sup>77</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 243.

Rodrigues e por Noêmia Varella] coordene esse esforço em nível continental; 6. Que todo material aproveitado do Encontro – trabalhos, comunicações e sínteses de trabalho – sirva de ponto de partida para estudo e análise visando-se ao início de organização de um banco de dados para educação através da arte na América Latina.<sup>78</sup>

O documento prossegue através da estruturação de Recomendações específicas que são organizadas por questões temáticas, sendo elas: 1. Formação do professor de Educação Artística; 2. Integração Arte/Educação/Comunidade; 3. Reflexões sobre a problemática dos Espaços Educativos. Na introdução do item 1 das Recomendações específicas é ressaltado um paradoxo apresentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira – nº 5.692/1971 –, quando a própria Lei se expressa por meios ambíguos “ao exigir a polivalência do professor sem lhe dar condições de formação (...)”.<sup>79</sup> Naquele momento da realização do I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, a EAB era ainda reconhecida como referência maior na formação de profissionais da Educação Criadora e da Educação Através da Arte.<sup>80</sup>

### **Anísio Teixeira e a EAB: convergências e aproximações desconstroem algumas fronteiras entre o Formal e o Informal**

Segundo Ana Mae Barbosa, as práticas realizadas nas Escolinhas vinculadas ao MEA foram também sendo levadas para escolas formais. Nesta perspectiva, Barbosa destaca que com as experiências das Classes Experimentais – implantadas por iniciativa de Anísio Teixeira –, as Escolinhas passaram a desempenhar o papel de consultoras de arte-educação, estabelecendo interlocuções junto aos docentes que atuavam nas escolas que tinham Classes Experimentais.<sup>81</sup>

Vale destacar que as Classes Experimentais começaram a ser criadas no Brasil em 1959 a partir de um projeto defendido por Teixeira, então Diretor Geral do INEP. Com a fundação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) em 1956 e a criação de cinco Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPEs) entre 1956 e 1957 – respectivamente em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife –, o INEP intensificou a promoção e difusão de estudos científicos voltados para a renovação do ensino.<sup>82</sup>

Neste ímpeto de renovação, as Classes Experimentais Secundárias brasileiras foram criadas a partir de estudos alinhados com o movimento escolanovista. Intenso defensor da Escola Nova, Anísio Teixeira foi também, no Brasil, um dos maiores difusores do pensamento Deweyano, inspirador do movimento Escola Nova em nosso país. Na

<sup>78</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 243-244.

<sup>79</sup> SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte... 244.

<sup>80</sup> Em julho de 1984 foi realizado na UERJ o Congresso Internacional da INSEA, com 5.800 professores inscritos. “Foi a apoteose da Escolinha de Arte do Brasil, o nosso ‘canto do cisne’ [destacou Zoé Chagas Freitas, então presidente da INSEA]. O trabalho teve tanta repercussão que a Escolinha foi convidada para acontecer dentro da UERJ; foi uma oportunidade única para a Escolinha ampliar seu trabalho dentro de uma universidade, mas não foi dado andamento”. In.: Orlando Miranda (Org.), Educação pela arte (Rio de Janeiro: Teatral, 2011), 214.

<sup>81</sup> Ana Mae Barbosa, Arte-Educação: conflitos e acertos (São Paulo: Max Limonad, 1984).

<sup>82</sup> Gisela Eggert Steindel et al., Uma análise acerca das classes experimentais do ensino secundário paulista (1955 – 1964) VIII Colóquio “Ensino Médio, História e Cidadania” (Florianópolis, SC, 2013). Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/3985>. Acesso em 04 jun de 2019.

ocasião da comemoração dos 70 anos de fundação do INEP, o pesquisador José Carlos Rothen ressaltou que: “O Inep seria um dos pilares da reformulação da educação brasileira (...) sonhada pelos escolanovistas”<sup>83</sup>, ao menos até o ano do falecimento de Anísio Teixeira (1971).

Em seu artigo, Rothen chamou a atenção para o fato de que na condição de Diretor Geral do INEP, Anísio Teixeira destacou e defendeu três princípios como primordiais para a educação brasileira. No primeiro, foi ressaltado que o conhecimento científico e a experimentação tinham que ser considerados fundamentos básicos para a construção de propostas educacionais. No segundo princípio, as experiências realizadas foram destacadas por Teixeira como questões mais importantes do que as leis, o que favorecia uma autonomia das práticas e experiências tanto científicas, quanto pedagógicas: “O ponto de partida da análise e a elaboração de propostas não poderiam ter como princípio a legislação estabelecida e muito menos a preocupação de criar uma nova – o mais importante seria a prática”. O terceiro princípio “consistia na defesa intransigente da autonomia escolar”<sup>84</sup>. Os três princípios aqui mencionados e defendidos por Anísio Teixeira justificam o fato de o INEP ter investido tão fortemente nas experiências realizadas pela EAB.

Ainda que a implantação de Escolas e Classes Experimentais representasse um investimento na efetivação de uma maior autonomia metodológica e pedagógica em algumas escolas formais das redes públicas do ensino brasileiro – o que significava favorecer a vinculação entre a pesquisa de novos métodos pedagógicos, a experimentação de processos metodológicos inovadores e a ampliação do currículo através da diversificação dos processos educativos – é possível perceber significativas contradições neste projeto:

É importante mencionar o fato de que a experiência pensada para a Classe poderia voltar-se a qualquer aspecto da vida escolar, **mas** [grifo nosso] deveria considerar os aspectos do Ensino Secundário acerca dos quais teciam-se críticas à época. Eram alguns dos aspectos criticados: a pequena duração do ano letivo, o excesso de disciplinas, a falta de flexibilidade, o ensino verbalista, a dissociação nas necessidades e interesses dos alunos, o excesso de provas, a supervalorização do aspecto quantitativo da avaliação e a falta de articulação do E.S. [Ensino Secundário] com o Ensino Primário.<sup>85</sup>

A questão mencionada por Barbosa<sup>86</sup> de que para atender às demandas pedagógicas dos professores que vivenciavam a proposta das Classes Experimentais foram estabelecidos convênios entre Escolinhas privadas vinculadas ao MEA e o sistema público de ensino, é algo que nos remete novamente aos três princípios defendidos por Anísio Teixeira no INEP. Nesta direção, vale lembrar que, conforme mencionado em parágrafos anteriores, Anísio Teixeira defendia três questões como sendo cruciais para a educação escolar e para o INEP:

<sup>83</sup> José Carlos Rothen, O Inep com seus 70 anos: um senhor maduro com constante busca de sua identidade. *In.*: Jair Santana Moraes (Org.), O Inep na visão de seus pesquisadores (Brasília: INEP, 2008, 19). (Coleção Inep 70 anos Vol: 3)

<sup>84</sup> José Carlos Rothen, O Inep com seus 70 anos... 21.

<sup>85</sup> Gisela Eggert Steindel et al., Uma análise acerca das classes experimentais do ensino secundário paulista (1955 – 1964)... 9.

<sup>86</sup> Ana Mae Barbosa, Arte-Educação...

- A demanda de se compreender o conhecimento científico e a experiência como fundamentos básicos para a construção de propostas educacionais; - A percepção de que as experiências devem ser mais importantes do que as leis e que, portanto, não devem ser estagnadas pelo fato de que as legislações necessitam de revisões para avançar; - A necessidade de o poder público – representado pelo INEP – defender a autonomia escolar.

No entanto, na contramão das exigências feitas ao Ensino Secundário e que legalmente deveriam ser consideradas pelas Classes Experimentais, e em consonância com os três princípios destacados por Anísio Teixeira, a EAB assumia como esteio metodológico a necessidade de se assegurar, através da Educação Criadora, procedimentos pedagógicos que não apartassem a criança, o jovem e o adulto do seu próprio protagonismo, para que fosse possível a cada um singularizar-se através de atos tais como experienciar, pesquisar, descobrir, transformar, dialogar, comunicar, associar, elaborar, criar, expressar, afetar.

Portanto, realizar por meio de um órgão público parcerias entre a EAB e escolas da rede pública foi um ato revolucionário também para a política pública. No prefácio do livro “Escolinha de Arte do Brasil”, publicado em 1980 com recursos econômicos oriundos do INEP<sup>87</sup>, a então Diretora Geral do INEP – Letícia Maria Santos de Faria – reconheceu que a EAB “tem objetivos coincidentes com os mais importantes do Plano Setorial [e dos] programas vigentes do MEC”<sup>88</sup>. E discriminou três objetivos congruentes à EAB, ao INEP e ao MEC.

Os primeiros objetivos mencionados por Faria, referiram-se tanto à importância de se realizar ações que integrem Educação e Cultura / Arte e Educação / Educação e Recreação, quanto à relevância de oportunizar a participação dos educandos e das comunidades na tarefa educativa. O terceiro objetivo destacava a pertinência de:

Dar à ação pedagógica o caráter de abrangência interdisciplinar, interinstitucional, pelo qual envolverá na interação de cientistas, artistas, e educadores e educandos o que melhor disponham de seus recursos criativos e críticos na busca dos valores positivos para o mundo de amanhã.<sup>89</sup>

Os três princípios destacados por Anísio Teixeira como sendo questões intrínsecas à educação e à missão do INEP, bem como os três objetivos destacados por quem dirigia o INEP na década de 1980, apresentam como elemento comum o fato de que a EAB se singularizava ao atender a cada uma das questões mencionadas por Teixeira e por Faria. Esta afirmação poderá ser, aqui, melhor exemplificada, através dos seguintes depoimentos:

Na imensa aridez da paisagem das escolas nacionais, paisagem que lembra aspectos de nossos desertos, as ‘escolinhas de arte’ são oásis de sombra e luz, em que as crianças se encontram consigo mesmas e com a alegria de viver, tão ‘deliberadamente’ banida das ‘escolas’ convencionais de ‘retalhos de informação’, secos e duros como a vegetação habitual das zonas áridas.

<sup>87</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil...

<sup>88</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 10.

<sup>89</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), Escolinha de Arte do Brasil... 10.

Mas, não é somente a 'escolinha de arte' uma inovação pedagógica. É também inovação do próprio conceito de 'arte', pois esta já não é a atividade especial de criaturas excepcionais, miraculosamente dotadas do poder de 'redescobrir' a arte no emaranhado organizatório da vida racional, homogênea e mecânica, passiva e obrigatória de Gutemberg, mas atividade inerente ao senso humano da vida, que, felizmente, ainda se pode encontrar nas crianças que não foram completamente deformadas pelos condicionamentos inevitáveis da instrução morta e fragmentada das escolas convencionais.<sup>90</sup>

\*

A EAB era um local onde sempre se encontrava alguém, um ponto de encontro de criação e debate, uma efervescência em torno da educação. A contribuição e posição da EAB dentro do movimento educacional brasileiro consistiu no fato de ter sido o ponto de encontro 'neutro' das grandes discussões – reuniu todas as correntes.<sup>91</sup> Por ser livre e não ter seus cursos oficializados, não tinha amarras e se permitia receber todas as correntes. A EAB era um laboratório para todos os que tinham um pouco de inquietação. A EAB não é a sede física, mas a ideia de renovação contra a repressão da criança, da experimentação e da criação.<sup>92</sup>

Os depoimentos de Anísio Teixeira e Cecília Conde fazem pensar que quanto mais liberto é o ser humano, mais intensa se torna a sua capacidade de expressar, de dialogar, de aprender, de sonhar, de construir, de refletir, de resistir, de trocar, de amar, de criar. Este foi o grande desafio da pedagogia realizada pela EAB e pelo MEA.

Recorro a Clarival do Prado Valladares quando, em 1977 abriu o I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte, provocando questões que ainda hoje nos convocam para lutas emancipatórias. Construções que não abrem mão de que a paz se exercite na afirmação de que o pronunciamento, a participação, o agir, o trocar, o criar, o esperar, o amar são direitos humanos inalienáveis. E ciente de que a luta pela paz atravessaria séculos, Valladares alertou:

Há uma devora à vista. Mas existe uma outra coisa: proteger o homem marginal, o homem que não quer a guerra, e este homem só pode ser aquele que se abriga dentro do encantamento que a arte lhe possa propiciar.

Mas não é a arte bucólica, não é a arte da tranquilidade, é a arte compreendida no direito de o homem manifestar-se e sobretudo manifestar-se em face da ameaça que ele sofre de perda dos seus próprios elementos de manifestação espontânea, individual.<sup>93</sup>

<sup>90</sup> Anísio Teixeira, "As escolinhas de arte de agosto rodrigues". In. Jader de Medeiros Britto (Editor), *Jornal Arte & Educação* (Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil. N 0 (ano I), 1970), 3. / Orlando Miranda (Org.), *Coletânea do Jornal Arte & Educação...* 9.

<sup>91</sup> *Aspas nossas em 'neutro'*.

<sup>92</sup> Augusto Rodrigues (Coordenador), *Escolinha de Arte do Brasil...* 114-115.

Cecília Conde foi educadora da EAB permanecendo extremamente próxima da Escolinha durante o período no qual Augusto Rodrigues esteve à frente da instituição. Foi uma das diretoras do Conservatório Brasileiro de Música do RJ e professora desta instituição. *In.*: Maria Dolores Coni Campos, *Encontros hoje, encontros ontem: cartas que vão, cartas que vem, entre na roda você também...*

<sup>93</sup> *SOBREART, I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte...* 31.



Trinta e seis anos após aquele Encontro que reuniu, na UERJ, arte educadores de diversos países da América Latina, Paulo Freire continua tendo sua obra reeditada, e em seu livro “Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis”, publicado pela primeira vez em 1994, ele problematiza a democracia quando ressalta a questão – ainda urgente – de se pensar que “não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, [que negue] a liberdade de ser.”<sup>94</sup>

A fala do educador brasileiro mantém-se viva no século XXI como um desafio e nos convida a reler a história da EAB e do MEA na perspectiva de que as centelhas daquelas experiências ainda conversam conosco, fazendo com que a esperança não se amordace nas sombras duvidosas que tentam nos encolher entre silêncios passivos que, aos poucos, vão desaprendendo o significado da paz. Freire nos remete, então, a John Dewey, quando o filósofo norte-americano ressalta na série de dez conferências por ele realizada em 1931 na Universidade Harvard e publicada no Brasil em 2010 no livro “Arte como experiência”, que o “poder moral da arte”<sup>95</sup> é o seu compromisso com a liberdade e é pela responsabilidade de salvaguardar a liberdade em suas dimensões ética, amorosa, corajosa, criadora... que precisamos resistir, sempre e cada vez mais.

## Referências

- Barbosa, Ana Mae. Arte-Educação: conflitos e acertos. São Paulo: Max Limonad. 1984.
- Britto, Jader (Org.). 60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. do Livro. 2008.
- Campos, Maria Dolores Coni. Encontros hoje, encontros ontem: cartas que vão, cartas que vem, entre na roda você também. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. 2003.
- Dallabrida, Norberto; Steindel, Gisela Eggert e Vieira, Letícia. Uma análise acerca das classes experimentais do ensino secundário paulista (1955 – 1964). VIII Colóquio “Ensino Médio, História e Cidadania”. Florianópolis, SC, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/3985>.
- Dewey, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes. 2010.
- Eboli, Terezinha. Uma experiência de educação integral – Centro Educacional Carneiro Ribeiro. 4. Ed. Rio de Janeiro: Gryphus. 2000.
- Freire, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.
- Machado, Luiz Raul Dodsworth (Redator). Escolinha de Arte do Brasil. Análise de uma experiência no processo educacional brasileiro. Brasília: INEP. 1978.

<sup>94</sup> Paulo Freire, Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013), 233.

<sup>95</sup> John Dewey, Arte como experiência (São Paulo: Martins Fontes, 2010), 584.

Miranda, Orlando (Org.). Educação pela arte. Rio de Janeiro: Teatral. 2011.

Miranda, Orlando (Org.). Coletânea do Jornal Arte & Educação. Rio de Janeiro: Teatral. 2009.

Penna, Lúcia Marina Moreira (Org.). Boletim Fazendo Artes N 13. Rio de Janeiro: Funarte/MEC. 1988.

Read, Herbert. A Educação pela Arte. São Paulo: Martins Fontes. 1982.

Rodrigues, Augusto (Coordenador). Escolinha de Arte do Brasil. Brasília: INEP. 1980.

Rodrigues, Augusto (editor). Jornal Arte & Educação. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil. N 12 (ano I). 1972.

Rodrigues, Augusto (editor). Jornal Arte & Educação. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil. N 8 (ano I). 1971.

Rothen, José Carlos. O Inep com seus 70 anos: um senhor maduro com constante busca de sua identidade. *In.*: MORAES, Jair Santana (Org.) O Inep na visão dos seus pesquisadores. (Coleção Inep 70 anos Vol: 3.). Brasília: INEP. 2008.

SOBREART. Informativo N 2 (ano I). Rio de Janeiro. 1988.

SOBREART. I Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte. Anais. Rio de Janeiro. 1977.

Teixeira, Anísio. As escolinhas de arte de augusto rodrigues. *In.* Britto, Jader de Medeiros (Editor). Jornal Arte & Educação. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil. N 0 (ano I), 1970.

Thistlewood, David. Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée. Vol: XXIV, N 1-2. Paris: UNESCO, Bureau international d'éducation, 1994. Disponível em <<http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/readf.pdf>>.

#### Entrevistas

Entrevista a Campos, Maria Dolores Coni. Rio de Janeiro. 04/12/2018.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Diálogos en Mercosur**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Diálogos en Mercosur**.